



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Alice Gasperin

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.03.005.002.TRA

Entrevistado/a: Alice Gasperin

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Grigoletto

Tema: EDUCAÇÃO

Data: 18/01/96

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

[FG-1A]

Sônia: Então, dona Alice, o seu nome completo.

Alice: É Alice Gasperin.

Sônia: Alice Gasperin. A senhora nasceu em que ano, a data do seu nascimento?

Alice: Em 1906.

Sônia: Em 1906. A senhora nasceu aqui em Caxias [do Sul]?

Alice: Nasci em Bento Gonçalves, no município de Bento Gonçalves, no primeiro Distrito, hoje é Barracão.

Sônia: Hoje é Barracão. Dona Alice e quando a senhora começou a estudar? Com que idade?

Alice: Olha, comecei com seis anos.

Sônia: Seis anos.

Alice: A escola ficava perto da nossa casa, mas não em Bento Gonçalves. Nós já estávamos morando no município de Caxias, lá bem no fundo, perto de Bento Gonçalves.

Sônia: E Dona Alice o que a senhora se lembra da escola quando a senhora era aluna?

Alice: Olha, me lembro bem que eu via os alunos passaram na estrada, que ia na escola e pensava: aonde vão passear aqueles meninos? Sempre passeando de cá para lá, e, “eu tenho que cuidar dos meus irmãozinhos”, não podia ir de cá para lá. A mamãe foi fazer compras e veio para casa com um par de tamanquinhos. “Experimenta os tamanquinhos”, ela disse. Ah, eram bonitos! [risos] Gostei! Depois mostrou um livro. “Olha aqui o livrinho, eu comprei, o agente consular deu o livrinho para ti”. Eu peguei. Ah, fiquei radiante! Dona de um livro e de tamancos também. “Porque amanhã tu vais começar ir à escola”. Ah, mas então quanta coisa! Me encheu assim de felicidade!

Tamanquinhos, livros e também ir na escola. No dia seguinte me arrumou, a minha mãe me arrumou bem, fui à escola com o meu livrinho debaixo do braço, entrei na escola e estavam todos os alunos. Todos grandes, pareciam que eram grandes, porque eu era pequeninha, crescia pouco e eu era mesmo de crescer pouco. E a professora me acariciou, eu fiquei contente. A professora veio em seguida na nossa casa. Me acariciou, eu fiquei contente, feliz da vida na escola. E de lá comecei a ir todos os dias. Comecei a ler o meu livrinho. Era bonito. A capa colorida: um menino correndo, levando uma pandorga assim correndo. E eu me lembro ainda. Ele tinha botinas, tinha calça curta [risos] e o nome dele era Carlino... italiano. A escola era italiana.

Sônia: E o livro era em italiano?

Alice: Italiano. Carlino. Mas eu olhei tanto aquele livrinho, tanto que aquele nome de Carlino eu descobria em qualquer lugar.

Sônia: A senhora identificava?...

Alice: Sim, o menino me encantou. Um menino bonito. E de lá comecei a ir todos os dias. Comecei ler, passar de lição sempre, porque a mamãe me ensinava de noite. Passava sempre de lição e ela dizia: “Olhem, vocês os grandes, esta pequeninha sabe sempre bem a sua lição e vocês não sabem bem”. Ralhava com os grandes. Mas a minha mãe sabia ler, me ensinava a ler de noite. E os outros, talvez, não soubessem os pais deles, não é? Era isto também. Os imigrantes eram quase todos analfabetos. Ela me ensinava quadrinhas, a recitar quadrinhas. Ah, que bonito! Eu tinha memória, eu tinha facilidade de memorizar e depois prestava atenção. E ela me botava em cima de um toco e aí: “Mostra para os grandes como é que faz dizer a quadrinha!”

Sônia: A senhora se lembra de alguma quadrinha, dona Alice?

Alice: A quadrinha até um tempo atrás me lembrava, mas eu esqueci agora. É sobre a formiga.

Sônia: Sobre a formiga.

Alice: A formiga pequeninha. Era um exemplo, que eu também era pequeninha e sabia a minha lição. Era uma coisa assim.

Sônia: Quem mais, dona Alice, a senhora se lembra da escola enquanto aluna?

Alice: Bom, lá foi a primeira professora. Mas depois o meu pai faleceu, eu tinha seis anos apenas. Ele faleceu, a minha mãe me segurou em casa. Perdi um ano de escola para cuidar dos meus irmãozinhos. Depois, quando fui de novo, aquela professora já..., nós tínhamos, tinha vindo uma professora de português, municipal, pelo município. Aquela outra era paga pelo governo italiano. Era português, então a mamãe teve que comprar todos os livros em português. Mas já sabia ler o

primeiro livro, metade do livro. Não sei se foram três meses que fui na escola, já sabia. Tinha chegado lá no Roma, Rômulo... Remo, Novara, Rovená [risos]. E assim! Me lembro ainda a minha lição do R. E de lá... eu tive a felicidade de aprender a ler. Ainda, com sete anos, se bem que eu perdi um ano, eu passei para o segundo livro. Bem, bem eu não me lembro mais do primeiro ano. Era de Hilário Ribeiro. Depois eu fiquei com o segundo livro. O segundo livro, eu tenho ainda o meu segundo livro. Aquele do Lorota, de Hilário Ribeiro. Aquele sim eu me lembro as lições. Um livro muito bom, muito educativo, com bastante exemplos. Eu tive facilidade, fui indo, aprendi a fazer as contas, comecei a fazer as contas e a tabuada. Mas a professora tinha um sistema assim: fazia um semicírculo e lá se dizia as lições de coisa para os pequenos. Então, era o nome dos dedos da mão, quantos dedos, com aqueles dos pés quantos eram. Um pouco de matemática, não é? Depois, ah, os pontos cardeais, os pontos cardeais... Não posso lembrar agora... Ah, os dias da semana, dos meses, os meses com trinta, com trinta e um. E assim...

Susana: Os Estados?

Alice: O que?

Susana: Os estados?

Alice: Hein?

Susana: O nome dos estados? Não? Que a senhora tinha me falado.

Alice: Os estados?

Susana: Isso! O Rio Grande do Sul, Santa Catarina.

Alice: Não.

Susana: Está bom.

Alice: Depois..., primeiro os pequenos. Ah, os... Como é que se diz? Os dias da semana, os meses e os cinco sentidos. Eu aprendi de pequena aquele negócio lá. E assim por diante. Depois escrever, fazer ditado. E assim por diante, o primeiro ano.

Sônia: E, dona Alice, nesta época como é que eram as brincadeiras entre os colegas? Como é que era o recreio?

Alice: Ôoo era... a professora de português era severa. Eu não me mexia toda a manhã, eu ficava lá... Tinha medo da professora, muito medo. Era bonita, bem vestida.

Susana: A senhora se lembra o nome dela?

Alice: Sim! Fani Loss.

Sônia: Dona Alice e daí a senhora nunca foi reprovada? Sempre passou?

Alice: Sempre passei. Uma vez levei um castigo. Uma vez! Não sei se me atrapalhei, mas era grandinha, sobre gramática, ou se ela estivesse nervosa. Não sei! Mal humorada, não sei. Ela achou que eu não tinha respondido certo. Ela disse: “Preguiçosa, estuda bem a lição!” Olha, chorei, chorei que ainda me lembro! [chora] Porque pode dizer-me burra, pode dizer-me tudo, mas preguiçosa não. Me doeu! De fato me doeu. Chorei todo o tempo de escola [chora]. Depois, em casa, não tive nem vontade de almoçar. [chora] Só por causa da professora ter me tratado de preguiçosa. Foi o castigo que ela me deu.

Susana: E a senhora levou tempo para esquecer este castigo?

Alice: Nunca esqueci! [chora] Porque doeu.

Sônia: Porque a senhora era um aluno estudiosa.

Alice: Mas, olha, não ia dormir se não sabia bem a minha lição; qualquer lição. Não ia dormir se não sabia bem a minha lição. Sempre fui assim. Depois ela, mais tarde, começou com matemática, não é, em vez de ensinar bem matemática, nos fazia... ah... decorar a teoria: como se faz uma divisão e tá, tá, tá, tudo decorado. As provas tudo decoradas. A prova dos nove nunca aprendi lá. E tudo decorado. História do Brasil, tudo decorado, a pergunta e a resposta. Tudo decorado, decorado. Depois, por exemplo, vem o descobrimento do Brasil, depois vem os jesuítas. Bem, se terminava um capítulo, vinha o outro. Depois recordação. Salteado que fazia pergunta. Ela era braba, era reguada que vinha. Eu não, nunca, só aquele castigo, que ainda me lembro.

Sônia: E assim em relação aos outros colegas da senhora, um aluno indisciplinado, como essa professora reagia?

Alice: Ela era braba. Ela teve problemas com famílias, que eu não tive. Nunca tive!

Sônia: Nessa época, quando a senhora era aluna tinha palmatória, os professores batiam?

Alice: Sim, sim.

Sônia: Como é que era? Fala um pouquinho sobre isso, dona Alice?

Alice: A palmatória era uma régua comprida assim mais ou menos. E, quando era tabuada, quem não soubesse era uma reguada, mas não na mão, assim, na palma da mão. Não era assim [palma da mão para baixo], era assim [palma da mão para cima]. Era assim.

Sônia: E os pais o que diziam disso, dona Alice?

Alice: Os pais? Satisfeitos.

Sônia: Eles aprovavam, então?

Alice: Aprovavam, ajudavam. Ajudavam os professores.

Sônia: E a senhora o que acha disso? A senhora acha certo ter a palmatória, dona Alice?

Alice: Eu acho que sim. Não castigo assim não merecido, porque ela dizia: “Olhem, estudem bem a tabuada!” No segundo livro eu aprendi toda a tabuada de multiplicar e dividir. Tudo, tudo, que não esqueci até o dia de hoje. E, quando não se soubesse, então era uma reguada. Ela fazia assim: “Roda!” Perguntava a cada um 7x9, 5x8 e assim, para depois poder ela examinar, não é?

Sônia: Dona Alice, como é que a senhora descobriu a sua profissão de professora, a sua vocação?

Alice: Vocação eu nunca tive [risos]

Sônia: Não.

Alice: Eu acho que teria tido mais vocação para ser costureira. Fui improvisada.

Sônia: Fala um pouquinho disso, dona...

Alice: Foi assim: a nossa professora casou. Eu já tinha treze anos. Casou e não havia mais professores. Havia escassez de professores naquele tempo. Havia falta de professores, não havia professores. Passa o mês de março, passa abril, vem abril e a escola fechada, não tinha professores de espécie alguma. Então, eles vinham a Caxias a procura que mandassem uma professora. Mas não havia disponíveis, professores disponíveis para lá, não havia. Então, foi lá a comissão da igreja falar com a minha mãe, que eu lecionasse, porque eu era a primeira da escola, a mais adiantada da escola. Minha mãe disse: “Não, ela não tem maturidade, ela não tem, não pode ser, precisa ser uma pessoa de mais idade. Ela não tem nem 14 anos!” Então, eles vieram de novo a Caxias para procurar, para ver se encontravam alguma professora. Nada! E... voltaram de novo lá falando com a minha mãe: “Não, vamos fazer assim, vamos dizer que em vez de 13 para 14 anos, ela tem 15”. A minha mãe não queria, mas, afinal, minha mãe concordou. Foi, a minha mãe comprou um sapatinho com saltinho altinho assim para mim, para fazer um pouco de figura. Porque sempre fui bem pequeninha, naquele tempo era mais menorzinha ainda. Saltinho, mandou fazer um vestidinho. E ela chamou um vizinho, que era comerciante de lá, tinha fábrica de cerveja, ele vinha seguido a Caxias, tinha prática, que nos acompanhasse, porque nunca tínhamos ido de trem, nunca tínhamos visto luz elétrica e, Caxias, nem falar. Ele nos acompanhou. Fomos a cavalo até Nova Sardenha. Deixamos lá os cavalos, esperamos o trem. O trem chegou de noite. Embarcamos de noite. Eu, assim meio atrapalhada, minha mãe também, viúva com doze filhos. E, assim, chegamos em Caxias e então eu vi essa cidade cheia de luzes. Eu fiquei encantada! E fomos no hotel onde estava

acostumado ir o nosso vizinho. Fomos lá; era Mattana, me lembro, lá no hotel. Daí eu disse que ia prestar exame. “Mas que idade ela tem?”, “Quinze”. Com a mentira pronta. “Quinze anos”. “Ela é muito nova. Não pode, a prefeitura não concorda, pelo menos 17 anos. Pelo menos 17”. Então, fomos na prefeitura no dia seguinte. Fomos na prefeitura, que eu tinha que prestar exames. Fomos na prefeitura [inaudível] entre mim e minha mãe [risos]. E lá veio o inspetor escolar. E o inspetor escolar me mandou fazer uma cópia. Cópia, a minha letra não era das piores. Fiz muito bem a cópia. Depois me mandou fazer um ditado. Estava acostumada a fazer ditado! Fazia sempre! Era um acaso que cometesse um erro em ditado. Fiz bem o ditado. Perguntou os estados do Brasil. Ah, eu sabia, em Geografia eu estava bem. Muito bem em Geografia, porque a professora com mapa, primeiro nos dava a lição, que estudássemos bem e depois olhar no mapa onde é que estavam os rios, onde é que estavam as capitais, onde é que estavam os portos e assim por diante. Em Geografia eu estava mais do que bem. E depois me perguntou se eu sabia fazer as 4 operações fundamentais. Eu disse que sim. Pronto! Passada! Professora. Não precisou documento, nada. De lá: “Pode começar a lecionar segunda-feira! O ordenado é de 60 cruzeiros, ah, 60 mil réis por mês”. [risos] E eu? Eu estava impressionada. Descendo a escadaria lá, ainda me lembro: a minha mãe me olhou assim de lado, ela risonha e eu preocupada [risos]. Eu, ainda impressionada, não é? Nós chegamos em casa: aprovada, professora. E, eu orgulhosa também, me encontrei importante de fato, prestei exame. [risos]. Eu era professora. Mas comecei a lecionar. Fazia como fazia a minha professora. E eu também sempre com seriedade, com severidade na escola. Fazia tudo como fazia a minha professora. Eu não tinha visto outra sala de aula. Nunca! Fazia como fazia a minha professora. Mas a minha irmã tinha um namorado... mais velha que eu. Então, ela disse: “Olha, o Alfredo me perguntou se tu sabes a regra de três.” Ah!! Fiquei... Todos diziam que aquele rapaz era de uma família inteligente. E eu fiquei... bah... Peguei a aritmética, experimentei a regra de três. Fazia alguma continha, mas não com frações. Por acaso, por acaso fazia, mas não por saber. Me dava a resposta certa, mas não por saber. Digo, aquele lá já sabe que eu não sei nada. Já comecei a sentir vergonha. Depois, a mãe não estava em casa no outro dia... dois... uma viúva conhecida e um homem lá de Guaporé, que ele queria comprar terra dela. Que eu fizesse um contrato de compra e venda. Mas eu disse: “Eu não sei, a minha mãe não está em casa”. Ah, me senti gelada. “Mas, sim, lá onde eu moro, o professor municipal faz contrato, ele faz tudo!” Piorou! Depois de não saber, dizer-me que o outro professor municipal sabia bem. E eu não saber nada! Lá eu senti vergonha. Vergonha que me chamassem de professora. Comecei, comecei a olhar os livros. Mas não tínhamos muitos livros, poucos. A mamãe disse: “Bom, compra livros quando tu for a Bento. Compra livros, quando tu for à cidade, tu compra livros.” Comprei livros. Me perguntaram que livros eu queria? “Livros para ler”, eu disse [risos] Tu vê em que estado! Lembro ainda, me deram assim dois

romances. Um era: *Amor infeliz*, de Camilo Castelo Branco. O outro, era *A Escrava Isaura* [Bernardo Guimarães]. Já ouviu falar? Quantas vezes eu li os dois livros. Que bonitos! Pareciam verdadeiros. E assim por diante. Aqueles dois casos lá, me deixaram mesmo amortecida assim... ah... atrapalhada. Me parecia que não era digna de ser professora, não era nem digna que me chamassem de professora. Eu senti dentro de mim! E sempre comprei livros. Nunca me pinteí, nunca gastei um tostão em toda a minha vida para comprar um esmalte, uma pintura. Nunca, nunca, nunca. Mas livros eu comprei bastante.

Sônia: Que bonito, Dona Alice. Dona Alice, e o seu primeiro dia de aula, quando a senhora foi e enfrentou os seus alunos, como é que foi, a senhora lembra?

Alice: Eram meus colegas.

Sônia: Eram seus colegas.

Alice: Todos meus colegas. Mas, eu era a mais velha de todos eles, não é? E, como professora eu fazia assim o mesmo..., o mesmo sistema da minha professora. Me impus logo. Nunca, nunca um aluno me desrespeitou e não tive nada, em 46 anos que lecionei, um chefe de família que reclamasse.

Sônia: Então, o relacionamento que a senhora tinha com os alunos... Fala um pouquinho disso, que a senhora falou que eles... que a senhora era madrinha de casamento, batismo.

Alice: Sim, sim. Lá onde eu trabalhei, trabalhei 24 anos lá.

Sônia: Na mesma escola?

Alice: Na mesma escola. Nunca fui trocada.

Sônia: Como é que era o nome da escola dona Alice?

Alice: Era Escola Municipal 11^a, era 14^a. Era subvencionada pelo Governo do Estado. Agora eu me lembro, subvencionada pelo Governo do Estado.

Susana: E o nome da escola?

Alice: Não havia nome. Escola Municipal da 14^a. Depois passou a municipal só. Tiraram a subvenção. Ficou 25^a Escola Municipal. Era o número.

Sônia: Ah, era o número?

Alice: Era o número.

Sônia: Dona Alice, fala então dessa relação que a senhora tinha com os alunos?

Alice: Os alunos, primeiro sempre com severidade, assim como a minha professora. Sempre me fui bem. Sempre fui bem. Trabalhava, podem dizer-me que sou burra, que sou tudo, mas não que sou preguiçosa. Eu trabalhava com os alunos. Procurei sempre fazer o meu trabalho, a minha obrigação. Porque a minha mãe, antes que eu comesse a lecionar, ela me disse assim: “Olha, minha filha, se tu trabalhares bem, será bem considerada e senão serás desrespeitada.” Então, eu me lembro que a minha professora tinha tido um certo problema com os alunos, então, eu procurei sempre de não entrar em choque com alguém não é? Sempre procurei. E assim, nunca tive problemas. Lecionei vinte anos. Eu fui... deixei lá quando passei para Farroupilha, deixei lá dezoito afilhados e fui doze vezes madrinha de casamento. Fui madrinha de casamento de meus alunos. Agora até fizeram cinquenta anos, há dois anos atrás, me convidaram para festa dos cinquenta anos. Foram meus alunos. Fui madrinha de casamento e agora me convidaram para Bodas de Ouro.

Sônia: Que legal, dona Alice. E dona Alice assim...

Alice: Havia um casamento, uma festa sempre me convidam; a professora! Eu sempre tratei bem os pais também. Se havia um que estava doente, sempre ia visitá-lo, pais também, alunos. Sempre procurei estar em contato com eles. Sempre em contato com eles.

Sônia: Dona Alice, e quais eram as dificuldades que a senhora mais tinha enquanto professora?

Alice: Como professora?

Sônia: É, como professora.

Alice: A linguagem.

Sônia: A linguagem.

Alice: A linguagem. Filha de imigrantes italianos, sempre falei em italiano. Ainda agora me atrapalho, porque estou escrevendo um livro bilíngue, estou escrevendo em dialeto e português. Fiz todo o dialeto. Misturei agora com o português. A linguagem.

Sônia: A linguagem.

Alice: Tive dificuldades.

Sônia: E no caso para conseguir mapas, recursos didáticos, era difícil?

Alice: Já tinha o mapa do Brasil. Bonito. E também o mapa do Rio Grande; e em Geografia eu estava bem preparada.

Sônia: E dona Alice, a senhora morava perto da escola ou era longe?

Alice: Perto. O terreno que estava a escola era um quadradinho assim. Foi aquele dono, que depois vendeu o terreno para o meu pai, que vendeu aquele terreninho lá, falta no nosso terreno, faltou aquele pedacinho lá da escola. Senão era no nosso terreno.

Sônia: Ah, então era pertinho?

Alice: Pertinho, a escola. Pertinho.

Sônia: E o salário, eles atrasavam ou a senhora... eles pagavam todos os meses?

Alice: Eles não me pagavam. Era a prefeitura.

Sônia: Ah, a prefeitura que pagava?

Alice: A prefeitura, sim, 60 mil réis.

Sônia: E esse salário, eles atrasavam ou a senhora recebia...

Alice: Ah, cada três meses.

Sônia: Cada três meses. E 60 mil réis o que dava para comprar na época? Era bastante?

Alice: Ôoo, era bastante dinheiro. Sapato custava cinco, seis, sete cruzeiros, dez quando muito, os melhores.

Sônia: Então, como o salário de professor dava para viver bem?

Alice: A minha professora ganhava 50. Depois passaram para 60, os municipais, não é? Cinquenta!

Sônia: Então está, dona Alice. Nessa época que a senhora dava aula que tipos de escola havia, Dona Alice? Tinha escolas particulares, religiosas ou eram só municipais?

Alice: Primeiro era escola italiana, não é? Era paga pelo governo italiano. Depois, essa Fani Loss lecionou sete anos, a Fani Loss. Era municipal, subvencionada pelo governo do Estado. Mas era 50 mil réis que ela ganhava e eu comecei a ganhar 60 mil réis, mas em geral, não só eu. Eu sempre tive mais queda para a matemática. Quem preparava professores assim municipais para Bento Gonçalves, era um professor em Bento Gonçalves. Nas férias ou de tarde ele lecionava. Então, a minha mãe quando chegavam as férias, ela foi falar com aquele professor que me ensinasse. Ela disse: “Ela é nova, não quero que ela ganhe dinheiro sem merecê-lo”, disse a minha mãe. Procurou aquele professor. E o professor me recebeu que parasse na casa dele. Olha, foi um pai, mais do que um pai. Eu acho que um pai não faria tanto assim. Me pegou crua assim. Olha, sabia fazer as quatro operações. Como é? 9 x fora não sabia, dos 9 eu não sabia. Só a divisão. A soma, para tirar a prova se fazia a subtração. E a subtração...

[FG-1B]

Alice: ...até era um domingo de manhã, eu ia sempre à missa e ele também. Diz ele: “Vamos à missa juntos!” Bom, ele olhou no relógio: “Ainda é cedo. Pega o caderno que te faço uma..., te faço a escala”, ele disse. Uma escala do sistema métrico. Então, ele fez assim uma escala do sistema métrico bem feita. Os múltiplos, os submúltiplos e aqui as unidades. Uma escadinha assim... todas as unidades bem feitas, bem preparada. Aqui os múltiplos, aqui os submúltiplos e aqui as unidades. Depois vinha litro, metro e tudo, assim por diante, não é? Olha, aprendi sistema métrico em um, dois, três com aquela escala que ele me fez, eu aprendi com toda a facilidade. Pensava comigo: “Mas por que a minha professora nunca me ensinou nada de matemática e aqui em pouco tempo?...” E depois ele me ensinou frações ordinárias. Aprendi frações ordinárias em um mês que eu fiquei lá. Aprendi frações decimais, todo o sistema métrico com todos os problemas e depois sistema, frações ordinárias. Eu cheguei em casa, peguei os meus borrões assim, passei a limpo todos os exercícios, e disse: “Agora sim que eu vou passar para frente a tabuada, eu vou me sentir professora.” Passei a limpo todos os exercícios, tudo, tudo passei a limpo para poder ensinar depois as Quatro Operações, ensinar para os meus alunos. Gostei muito! No ano seguinte fui de novo. Ele me recebia na casa dele. Olha, aprendi a fazer toda a Segunda Aritmética de Souza Lobo, com a Geometria. Vocês conhecem a de Souza Lobo? Tem a geometria no fim?

Sônia: Sim. Tem aritmética e tem geometria.

Alice: É, eu aprendi geometria, e até o filho do professor me fez todos os modelos no caderno das figuras geométricas das gravuras lá do...

Sônia: Sim, das figuras, dos quadrados, dos losangos...

Alice: É, a pipa também. Eu sabia fazer, até a pipa de vinho eu sabia fazer. Quanto vinho podia conter. Em dois meses, em duas férias!

Sônia: E depois a senhora já passava isto para os alunos?

Alice: Primeiro passei bem no caderno. Depois com o caderno, assim, ensinei para os alunos. Na aritmética sempre fui bem.

Susana: Dona Alice, e a senhora ensinava os seus irmãos menores, quando a senhora era professora?

Alice: Ensinava quem?

Susana: Os irmãos menores?

Alice: Sim, meus irmãos me obedeciam. Sim. Aqueles que a minha mãe me deixava que ela ia trabalhar, todos os quatro, tinha duas gêmeas com quatro anos, uma menina com dois, uma pequeninha que não caminhava. E a minha mãe ia na roça trabalhar, porque faleceu o meu pai e com doze irmãos e não entrava mais dinheiro. Os meus irmãos, todos os quatro!

Susana: E a senhora alfabetizou eles? Os menores?

Alice: Os dois estavam, os gêmeos estavam alfabetizados. Todos frequentaram a minha aula. Todos.

Susana: E como é que era dar aula para os irmãos?

Alice: Como os outros, não fazia diferença. Nunca fiz uma diferença entre um irmão e com os outros alunos. Se era um castigo para os outros, ia também para os meus irmãos. Não havia diferença. Sempre fui assim.

Sônia: E nessa época, dona Alice, as escolas eram mistas ou havia separação entre meninos e meninas?

Alice: Era misto, mas separados: os alunos de um lado e as meninas de outro lado. Os bancos compridões. Sentavam quatro, cinco, seis alunos, conforme o tamanho, não é?

Sônia: E, dona Alice, numa mesma sala de aula tinha o primeiro livro, o segundo livro, como é que era? A senhora era professora de todos?

Alice: É, de cinco classes. Mas era só o livro. O resto não era assim. Nós não tínhamos, não tivemos nem programa. Nunca, nunca tive programa no município.

Sônia: A senhora mesmo que fazia o programa?

Alice: Eu. Em matemática os meus alunos eram formidáveis. Agora, em linguagem não tanto. Mas, ditado sempre e gramática. Eu aprendi até, em gramática, os verbos. O resto não. Os verbos. Mas se fosse empregar eu não sabia [risos] Eu sabia decorado. [risos] Decorava bem. Era eu e uma companheira minha, éramos as duas mais adiantadas. Ela não conseguia aprender os verbos, os tempos. Ela nunca conseguiu. Então, eu baixinha assim, botava a mão assim, ela me dizia: “Tu me diz a primeira palavra baixinho, depois eu digo”. Então, se era condicional, se era presente, se era futuro, se era passado perfeito ou imperfeito, tudo eu dizia para ela. Eu sabia bem, conhecia bem, dizia para ela e ela depois dizia. Porque a professora fazia a pergunta: “Diz o perfeito! Diz o condicional! O passado perfeito! O imperfeito!” Então, eu dizia, eu sabia bem como era. Eu sabia bem. Bastava que tivessem me ensinado! Eu teria aprendido muito bem! E lá comecei a fazer redações, gostava de fazer redação, gostava muito de fazer redação, mas só que eu não tinha

capacidade. Fazia lá com o professor, com aquele professor. Ele me ensinou português, geografia e história não. Só português e matemática.

Sônia: Dona Alice, a senhora, mais tarde, fez outros cursos de preparação e aperfeiçoamento?

Alice: Depois eu estudei mais um mês com aquele professor.

Sônia: Em escolas não?

Alice: Mas em matemática estava preparada. Ele me ensinou, porque ele preparava os guarda livros, me ensinou contabilidade. Me ensinou a contabilidade. Depois, eu tinha muitos alunos. Era tida, modéstia a parte, de boa professora. Tinha alunos de Bento Gonçalves, porque estava na divisa de Bento com Caxias e Garibaldi. Tinha do município de Garibaldi, do município de Bento Gonçalves vinham na minha aula. Estava até com sessenta e um alunos.

Susana: De todos os níveis, de todos os livros?

Alice: De todos os livros. Quando vinham os exames, os examinadores fazer os exames, eram exames só para constar, assim... Era eu que fazia tudo... Depois do professor, eu pensei: “Não, eu tenho alunos”, vieram os examinadores do município de Farroupilha. Examinadores bons, de Farroupilha sim, vinham examinadores bons. Era exator federal, estadual, os escrivães. E depois era o Grupo Escolar Farroupilha, vinha o diretor do Grupo Escolar fazer exame lá na minha escola. E de lá, o prefeito de Farroupilha telefonou para Bento, que dessem escola para os seus alunos e não sobrecarregar-me. E fizeram uma escola perto e, então, metade dos alunos foram para aquela escola. Nem metade. Eu fiquei com trinta e cinco. Me parecia não ter nada para fazer. Digo: “Espera, depois do meio dia por que eu não vou estudar mais um pouco?” E, eu procurava aprender. Sempre tive vontade. Se fiquei burra foi porque não tive oportunidade. Sempre tive vontade. E fui lá para o professor que me lecionasse uma vez por semana. “Bom, o que tu queres aprender uma vez por semana?” - ele disse, “Ah, me chega. Me ensina fazer redações, eu gostaria de aprender bem a fazer redações”. Porque me parecia, se fosse fazer um discurso, eu não saberia. Não saberia fazer. Não saberia redigir um discurso. Eu tinha dificuldade. E lá no fim continuamos. Então, ele fez, como sabia bem a matemática, outra vez contabilidade. Então, duas vezes contabilidade, mas da metade do ano em diante. Quando chegou no fim ele disse: “Mas por que tu não vais fazer admissão em Caxias?”, “Eu não, não sei” - eu disse - “Porque eu vou rodar, eu não sei”, “Acalma os nervos e vai”. Mas indo para casa, a cavalo, eu disse: “E se eu fosse mesmo?” Pensei: “E se eu fosse fazer exames em Caxias?” E lá matutei até que telefonei a Caxias, lá tinha telefone por perto, telefonei [para saber] quando era o exame. Então, eles me avisaram quando era o exame e tudo. Fui prestar exame em Caxias. Cheguei para o exame e era por testes. E os testes nunca chegavam, nunca

chegavam, era “depois chega”, chegavam de Porto Alegre. Depois veio a Semana Santa: “Ah, se segunda-feira os testes não estão aqui, eu vou para casa sem exame!” Porque eu fiquei nervosa. Todas essas alunas, nós íamos todos os dias para ver se os testes tinham chegado. Era a dona Rosalba [Hipólito] naquele tempo. E uma dizia: “Eu estudei com aquele tal professor. Eu sei bem tá, tá, tá”. E, eu pensava: “Eu uma *imbambia* que não sei nada. Só me resta passar vergonha, já madura com estas meninas aqui. Que vergonha!” - eu pensava comigo. Eu sempre me lembro o saco de carvão, eles diziam o saco de carvão, as constelações. Mas, meu Deus, eu não sabia nada! Afinal, segunda-feira chegaram os testes. Então fizemos os testes. Olha, foi matemática primeiro. Mas sabia quase tudo! Só certas coisas que não entendia a pergunta. Fui muito bem. Tirei 87 parece em matemática. Em matemática eu estava bem, ensinava para os meus alunos. Ah, português, português eu não fui muito bem não. Porque fui, não fui muito bem em português. Mas passei sem exame oral. Tudo, menos ciências, porque ciências eu não dava aula de ciências, nada. Então... ciências fiz oral. Senão, eu passei folgada. Mas eu pensei: “Bom, faço um ano”, porque podia ser sem frequência, porque quem trabalhava podia fazer sem frequência, só os exames. “Ah!” - digo - “Eu faço sem frequência, venho fazer só o exame.” Eram três exames por ano. Era em maio, em agosto e dezembro. O primeiro ano fui bem, passei em quase tudo, passei bem em tudo, menos, não me lembro mais em que eu não passei. Uma matéria parece que eu não passei... E fiz segunda época. Mas digo: “Olha, foi fácil!” Quer dizer, era repetir o quinto ano, não é? Fácil! Éramos em 110, 110 candidatas; passamos 27.

Sônia: E a senhora passou?

Alice: Mas claro que passei! Me animei. Passei muito bem. Então, eu digo: “Não, já fiz o primeiro, faço o segundo.” Queria fazer o primeiro só para ser, para melhorar a minha escola. Não melhorar-me tanto a mim como poder melhorar os meus alunos. A minha visão era de melhorar os meus alunos.

Susana: E a senhora estudou na Escola Complementar?

Alice: Não, estudar não. Só vinha fazer exames.

Susana: Só fazer exames.

Alice: Sim. E passei! Mas eu estudava com aquele professor de Bento uma vez por semana.

Sônia: A senhora lembra mais de alguma coisa, dona Alice? Alguma coisa que a senhora lembra e que gostaria de falar para a gente?

Alice: O que?

Sônia: Alguma história pitoresca que aconteceu com a senhora?

Susana: Com seus alunos?

Alice: Com os alunos?

Susana: É.

Alice: Em Farroupilha, em Farroupilha. Ah, depois passei, não rodei nenhum ano, não repeti nenhum ano, se bem que não frequentei. Agora, depois veio álgebra, veio tanta coisa. [inaudível] Depois passei para o Grupo Escolar. Tirei o primeiro lugar, quando fiz concurso em Porto Alegre. Todos me cumprimentavam! O primeiro lugar! Passei pela tangente, gente! Porque contava pontos por tempo de serviço! O tempo prestado ao município contava, não sei se contava pontos por ano. Tirei o primeiro lugar. Passei folgado, longe de todas.

Sônia: E a senhora continuou na mesma escola?

Alice: Sim, até que fui nomeada para Farroupilha.

Susana: E a senhora sempre trabalhou pela escola municipal?

Alice: Em Farroupilha, estadual.

Susana: Estadual?

Alice: Estadual, passei no Estado. Fiz concurso pelo Estado.

Susana: Em que ano foi?

Alice: Estadual, fiz dois exames aqui em Caxias, que foi a dona Marianinha Queiroz a examinadora. Fiz um erro de linguagem. Ela disse: “Mas como é?” Acertei bem tudo e errei um verbo. Ela disse: “A senhora se enganou?” Nem sabia se estava certo ou errado [risos]. Eu disse: “Sim, sim”. Bom, o ano seguinte, éramos todas professoras de toda Caxias. Fizemos exames, de manhã escrito e de tarde oral. Quando foi o oral, de tarde, me chamou a dona Marianinha Queiroz: “A professora Alice Gasperin, faça o favor de levantar-se!” Eu tremi as pernas: “Pronto, rodada! A primeira rodada. Pronto, uma *imbambia* lá do interior do município!”, “A sua prova é excelente! Está em primeiro lugar”. Eu acho que não envermelhei só o rosto, mas também as orelhas. Bah! Eu pensava ter rodado. Pensei: “Mas eu sabia de saber pouco, eu sempre me conheci de saber pouco.” Também agora me conheço que eu sei pouco. E digo: “O que terão respondido as outras? O que terão feito? Moças da cidade que iam lecionar fora”. E eu recebi o primeiro lugar. Mas, também, ela disse: “A senhora tirou o primeiro lugar no ano passado e conservou o primeiro lugar este ano!” No meio de todas!

Sônia: Eu acho que deu...

Alice: Espera! Deixa eu contar um caso em Farroupilha, lecionando. Eu ficava com todos os alunos e a outra professora fazia os testes com os alunos para poder classificá-los. Eu ficava sempre com A; a outra ficava com B e a outra com C. Eu tinha muitos alunos no primeiro ano, não é? Sempre alfabetizei o primeiro ano em Farroupilha. Eu ficava com todos os alunos. Maria chamava-se. Os testes e os fiscais também. E um aluno era, como disseram vocês, rebelde, rebelde. Fazia teste também, se bem que rodava, rodava, fazia testes. Eu disse para a Maria: “Maria faça, dá um jeito que fique com a professora que está para chegar, que ela não sabe nada. Nós conhecemos o aluno!” Que ele era terrível e que a professora de Educação Física não podia com a vida dele. Todos os professores não queriam saber daquele aluno. Bom, a professora foi honesta, tocou para ela. Eu lecionava o primeiro ano e ela o segundo. Eu A e ela o B. Ah, quando veio a diretora, depois dos testes feitos a tal de Maria levou o dela, eu fiquei na mesma sala com os meus. E, também, a diretora parece levou três. Éramos perto de cem alunos. Eu contente, comecei a lecionar, não é? Mas eu estava sempre com toda a turma, entreter os alunos enquanto ela fazia os testes. Como eu não sabia o que fazer lá com os alunos, contava histórias para eles. Contava histórias assim para entretê-los. Quando veio a diretora com tudo pronto, os testes, levou todos os alunos e fiquei com os meus e comecei a trabalhar, não passou uma hora, que veio a diretora, a professora que fez os testes e aquele rebelde... que eu ficasse com ele. Que ele era o demônio do grupo – doze anos no primeiro ano. Junto com os pequenos de seis, sete anos. Eu não sou enérgica, nunca fui enérgica. O que vou fazer? Mas digo: “Diz para a diretora que ele foi classificado para ficar com a letra B, e não com letra A, eu não posso ficar com um que tem a professora para letra B e não com a letra A.”, “Mas ele pediu para ficar aqui contigo!”, “Pedi para vir comigo, o que vai ser de mim?” - pensava. “O que vai ser de mim com um demônio assim dentro da sala de aula?” [risos] Vocês que sabem o que é lecionar, imaginem! Bom, digo: “Vou experimentar, mas se ele não se portar direito eu não quero, porque ele não foi classificado, não tenho obrigação de ficar”. Eu disse para a diretora e para outra professora. Eu sentei [ele] perto de um bom menino lá, pequeninho. “Olha Sérgio, disse, se tu te portares bem ficarás comigo, senão tu voltarás para a Dona Maria”. Ele com uma carona assim... “Porque não ficaste com a Dona Maria?”, “Ela não sabe nada”, “E eu sei?” – fez sinal com a cabeça [que sim]. “Ainda bem que tem confiança em mim”. Olha, não me incomodou nada, perfeitamente nada. Ele aprendeu a ler, que ele rodava sempre, e passou. Todos diziam: “Mas que milagre! O que que tu fizestes com aquele menino?”, “Nada, não fiz nada”, disse, “como os outros. Pego, tomo a lição aqui, toma a lição aqui e lá. E depois no outro dia, nunca, sempre no mesmo lugar. Mando um no quadro, um atrás do outro nesta carreira, atrás desta e um atrás desta. Ele também. Não faço... O meu sistema não é de fazer diferença com aluno nenhum”. E lá ele passou. Depois, moço, moço,

feito o serviço militar, na rua sempre me cumprimentava, não é? Depois ele foi para os maristas, mas sempre me cumprimentou. Me encontrei, fui buscar o jornal, me encontrei com ele: “Escuta Sérgio, seja sincero” - disse eu - “Por que é que tu tinha tanta aversão pelas professoras, que não queria ficar com uma ou com outra e comigo tu foi muito bem. Tu nunca me incomodaste, como é que era o negócio, como é que os professores faziam contigo? Mas seja sincero, porque nós pensamos que são os alunos e às vezes somos nós que não sabemos lidar com os alunos”. Então eu disse: “Não sei se é impressão minha, mas eu não posso queixar-me de ti, tu sempre foste um bom aluno, como todos os outros”. “Não sei se é impressão minha” - disse ele - “mas achava que as outras não me tratavam como tratavam os outros. E, eu com isso, eu não me sentia bem” - ele disse- “me sentia revoltado”. Digo: “Porque eu preciso saber para poder aprender a lidar com crianças.” Mas na escola ele também dizia: “Professora, conta uma história!” Ele gostava de histórias! Mas ele tinha uma paixão! Então, perguntei se os pais nunca contaram histórias para ele: “Nunca me contaram”. Perguntei se os professores contavam histórias: “Nenhuma contou uma história”. Só eu que contava histórias. Mas eu tenho costume de contar histórias.

Sônia: Eles gostam, não é, dona Alice? Eles gostam?

Susana: Sônia, terminou a fita.

Sônia: Terminou a fita. A gente vai passar para outra, não é Susana? Dona Alice, a gente vai entrevistar agora a dona Suely.

Transcrição em: 17 a 19 de junho de 1996

Por: Sônia Storch Fries

Revisão em: 16 de dezembro de 2010

Por: Sônia Storch Fries

Revisão em: julho de 2019

Por: Fabiana Zanandrea

Duração: 56 minutos